

SINOPSE – XIV WORKSHOP PRODUÇÃO ESCRITA E PSICANÁLISE

Intitulado *Multiculturalismo na Cidade e no Campo*, o *XIV Workshop Produção Escrita e Psicanálise*, do Grupo de Estudos e Pesquisa Produção Escrita e Psicanálise – *GEPPEP*, investigou o quanto o projeto de uma educação que permita a coabitação produtiva de diferenças étnicas, culturais, linguísticas e históricas pode se tornar uma realidade concreta.

Para tanto, tomamos como objetos de análise os atos de ler e de escrever propriamente ditos, os seus produtos, as aulas de língua materna nas quais os participantes são ensinados a ler e a escrever e as políticas públicas de formação de professores. Os resultados desse esforço foram compartilhados através de 4 oficinas e 4 mesas, realizadas nos dias 17 e 18 de outubro de 2018.

Apresentamos, na sequência, o resumo das atividades desenvolvidas.

Oficinas – Sessão 1

Oficina 1:

A RELAÇÃO DO SUJEITO COM A MODALIDADE ESCRITA DA LÍNGUA PORTUGUESA: *análise de narrativas e textos de opinião*

Não é de admirar que, sob a pressão destas possibilidades de sofrimento, os indivíduos costumem moderar suas pretensões à felicidade [...] p. 21

Emari Andrade (GEPPEP/UNITAU)

Mariana Ribeiro (GEPPEP/UFMA)

Renata Costa (GEPPEP/FEUSP)

A oficina “A relação do sujeito com a modalidade escrita da língua portuguesa” priorizou a análise de textos de opinião e as propostas didáticas que deram origem a eles. Foram analisados textos de alunos do ensino médio, de uma cidade no interior do Maranhão, e do ensino fundamental, de uma escola rural paulista. A análise e a discussão a respeito dos dados evidenciaram uma dificuldade dos participantes da pesquisa de organização das vozes presentes no texto. Os informantes não conseguiram se separar o suficiente de si, de modo a ganhar a distância necessária para fundar um

ponto de vista a partir do qual mobilizassem diferentes instâncias argumentativas e vozes. Em outras palavras, na maioria dos textos, não houve um estabelecimento de um locutor diferente do ser no mundo.

Chegou-se à conclusão de que essa dificuldade em estabelecer uma instância organizadora das vozes presentes nos textos resultou em produções marcadas por uma escrita composta por restos metonímicos da cultura escolar. Trata-se de textos que, independentemente do local e do nível de escolaridade, refletem um imaginário do aluno a respeito do que é escrever. Imaginário esse que não considera que as características regionais e culturais dos grupos aos quais os informantes fazem parte poderiam compor as instâncias argumentativas de seus textos.

Oficina 2:

CADERNO DE ESCRITOS: *sobre desejos (d)e linguagem*

As gratificações substitutivas, tal como a arte as oferece, são ilusões face à realidade, nem por isso menos eficazes psiquicamente, graças ao papel que tem a fantasia na vida mental. p. 20.

Augusto Ângelo Nascimento (GEPPEP/IFMA)

Nereida Viana Dourado (GEPPEP/IFMA)

A oficina foi dedicada à explanação dos resultados obtidos a partir de uma proposta de produção textual aplicada em uma classe de ensino médio/técnico de um instituto federal do Maranhão. O objetivo era despertar nos alunos o prazer pela escrita, convidando-os a uma experimentação com a linguagem. A proposta inspirou-se em obras como *Sketchbooks*, de Lourenço Mutarelli e no *Diário de Frida Kahlo*, entre outras. Consistiu na Elaboração de Diários nos quais os alunos tinham a liberdade de escolher como fariam os registros, tanto no que se refere aos conteúdos quanto ao estilo. Em classe, a professora sugeria temas semanais que inspiravam os alunos a fazerem “movimentos de escrita”, utilizando-se da voz narrativa em primeira pessoa. Os alunos produziram textos verbais e não verbais, que incorporavam experiências pessoais e culturais, inclusive as que eram vividas fora do ambiente escolar. Avaliou-se que propostas como esta ampliam as possibilidades de relação do aluno com a linguagem,

mostram aspectos dos alunos que costumam ser desconhecidos pelos professores e podem ser norteadoras para outras atividades de produção escrita em sala de aula.

Oficina 3:

MULTICULTURALISMO EM EMBATE: *definições e discussões sobre metodologias de ensino de línguas*

O começo é fácil. Vemos como culturais todas as atividades e valores que são úteis para o ser humano, colocando a terra a seu serviço, protegendo-o da violência das forças naturais etc. Sobre esse aspecto do que é cultural não parece haver dúvida. p. 33

Milan Puh (GEPPEP/UNICENTRO)

A oficina trouxe perguntas dicotômicas sobre o termo “multiculturalismo”, logo no início das discussões. Como não foi possível chegar a uma resposta exata para a expressão, em um segundo momento foram apresentadas algumas referências que respondiam as perguntas levantadas inicialmente. Por fim, realizou-se uma análise de livros didáticos de Língua portuguesa da Angola e do Brasil tentando identificar como esses livros abordavam o multicultural.

Oficinas – Sessão 2

Oficina 1:

**AS FRONTEIRAS ENTRE O QUE ESCREVO E AS PALAVRAS DO OUTRO:
*análise de textos acadêmicos brasileiros***

[...] também o sentimento do Eu está sujeito a transtornos, e as fronteiras do Eu não são permanentes. (p. 12)

Suelen Gregatti da Igreja (GEPPEP)

Em um primeiro momento, tomamos um exemplo de equívoco de leitura presente em uma troca de mensagens em uma mídia social. Percebemos que um obstáculo à leitura estaria em não se livrar das amarras de discursos já conhecidos para

entrar em contato com um texto que, não necessariamente, esteja vinculado ao que o leitor conhecia de antemão. Para compreendermos esses movimentos de leitura, recorreremos aos conceitos de *alienação* e *separação* (LACAN, 1964).

Em um segundo momento, analisamos: a) quatro versões de um relatório de iniciação científica, escritas por um aluno de pedagogia de uma universidade do interior de Minas Gerais. Cotejamos excertos nos quais o aluno redigiu o embasamento teórico de sua pesquisa; e b) três versões de um relatório de iniciação científica escritas por um aluno de uma universidade do interior do Maranhão. Cotejamos excertos nos quais o aluno discorreu a respeito dos dados que estava analisando.

Nas versões iniciais, havia o predomínio de uma escrita vaga, sem que fosse possível delimitar o enfoque da pesquisa do aluno. Após reescritas que se deram a partir de intervenções do orientador, observamos, nos textos dos alunos, a presença de marcas textuais que indiciavam: a) a maior apropriação de conceitos estudados e dos dados analisados, os quais passaram a ser, respectivamente, explicados e descritos no corpo do texto; b) a ampliação do conhecimento enciclopédico, a partir da busca de outros autores que pudessem contribuir com o embasamento teórico da pesquisa; e a delimitação dos dados a serem analisados, bem como o refinamento do enfoque de análise da pesquisa; e c) a percepção da necessidade de questionar afirmações redigidas a partir do senso comum e que, paulatinamente, deram lugar a uma tentativa de descrição do fenômeno estudado.

Mesas

Mesa 1: *Estrangeiridades*

A existência desse pendor à agressão, que podemos sentir em nós mesmos e justificadamente pressupor nos demais, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios. Devido a essa hostilidade primária entre os homens, a sociedade é permanentemente ameaçada de desintegração. p. 50

Ana Carolina Barros e Silva

Juliana Azevedo de Carvalho

Sheila Perina de Souza

Valdir Heitor Barzotto

Debatedor: Fernando Gimo (Universidade Pedagógica de Moçambique)

A partir da hipótese de que há diferentes maneiras de ser estrangeiro, construímos reflexões acerca das relações entre estrangeiridade, hostilidade, linguagem e a escolarização. Em nossas reflexões, consideramos a existência de pelo menos três maneiras de ser estrangeiro na escola por via da linguagem: 1) estrangeiro tradicionalmente compreendido como aquele que pertence à outra nação; 2) estrangeiro como aquele que se sente ou é percebido como tal porque o ensino oficial é feito em uma língua diferente de sua língua materna, que não pode ser acolhida; 3) estudante que se torna estrangeiro na escola porque a variante ensinada é diferente da falada em casa. As reflexões se deram em torno da aposta de que é possível acolher aquilo que há de mais singular no sujeito (incluindo aqui sua língua), nas escolas, nas políticas linguísticas. Ao mesmo tempo em que também se delimita uma margem de possibilidade para o mesmo acolhimento. Não se trata, contudo, da defesa de nenhum radicalismo do acolhimento em qualquer instância, mas da construção de possibilidades de acolhimento com a crítica e coerência que só o olhar para o contexto e para as especificidades de um determinado local podem fornecer.

Mesa 2: *A estranheza da palavra do outro que me habita*

A pista nos pode ser fornecida por uma das chamadas exigências ideais da sociedade civilizada. “Ama teu próximo como a ti mesmo”, diz ela; [...]. Vamos adotar uma atitude ingênua diante dela, como se a ouvíssemos pela primeira vez. Não poderemos então suprimir um sentimento de estranheza e surpresa. Por que deveríamos fazer isso? Em que nos ajudará? Sobretudo, como levar isso a cabo? Como nos será possível? p. 47

Carlos Henrique Rizzo Pereira

Larissa Gonçalves Forster

Luis Venâncio Rodrigues Aiello

Debatedores:

Julian Konopelski Universidade de Varsóvia (Polônia)

Milena Océria Sales Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus de Bacabal

Nesta mesa, o que conduziu a discussão foi a reverberação e a estranheza da palavra do outro em diferentes sujeitos. A partir do questionamento de Freud a respeito da possibilidade de amar um desconhecido, analisamos os dados na busca de entender como o "outro cultural" é representado por alunos de diferentes segmentos de ensino em suas produções textuais. Damos destaque ao terceiro trabalho, no qual se discutiram as representações que formam o imaginário de alunos imigrantes, estudantes de uma escola brasileira, a respeito do país que ora os abriga. Nessa análise, pudemos perceber, em vários textos, uma tendência a um não querer falar de si, em favor de preencher o espaço do texto com uma exortação ao Brasil. A mesa contou com contribuições instigantes dos estudantes Julian Konopelski e Milena Océria Sales. Interrogaram, de maneira geral, a respeito da forma como os dados foram analisados.

Mesa 3: O infantil à margem da interpretação

O melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então o destino não pode fazer muito contra o indivíduo. p. 24

Mariana Caló

Maristela Silva de Freitas

Renata de Oliveira Costa

Sabrina Leonzi D'Alessandro

Debatedora:

Raissa Malinda Rocha Mota Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus de Bacabal

Os trabalhos que compuseram esta mesa tiveram como temática norteadora a interpretação. Suas autoras lançaram o olhar para diferentes modos de lidar com um local, a palavra alheia e a cultura.

Podem-se elencar as seguintes contribuições de cada um dos trabalhos apresentados: a) apontar para a importância de superar as barreiras do preconceito e do academicismo ao descrever um determinado espaço; b) destacar a relevância de

atividades de produção e interpretação textual que motivem os alunos a utilizarem seu repertório cultural e, conseqüentemente, a emergência da autoria e; c) refletir a respeito da ética e da empatia para se superar o preconceito e a repetição de discursos “politicamente corretos”.

Durante o debate, levantaram-se questões referentes a) às nossas ações, enquanto professores e pesquisadores, em relação à situação política do país; b) a métodos e estratégias para promover a implicação subjetiva dos alunos nas atividades de interpretação textual.

Mesa 4: *Sociedades, as nossas, as deles: há encontros?*

[...] surge-nos o perigo de um estado que podemos denominar “a miséria psicológica da massa”. Tal perigo ameaça sobretudo quando a ligação social é estabelecida principalmente pela identificação dos membros entre si, e as individualidades que podem liderar não adquirem a importância que lhes deveria caber na formação da massa. p. 53

Ana Silvia de Moraes

Claudia Rosa Riolfi

Felipe de Souza Costa

Debatedores: Marccelo Alexis Vargas Cardenas (Universidad Mayor de San Marcos/Peru)

Herbete Gomes Aleixo Universidade Federal do Maranhão – UFMA/ Campus de Bacabal

Nesta mesa, as relações interculturais foram tematizadas por meio dos seguintes objetos de estudo: a) documentos curriculares de Língua Portuguesa da cidade de São Paulo; b) produção textual de um imigrante em uma aula de português; c) comentários feitos por professores universitários franceses aos exames de alunos de minorias étnicas. Considerando as demandas sociais e políticas criadas pelo aumento atual nos fluxos migratórios, dirigidas aos documentos oficiais, às aulas de língua materna e às universidades, discutiu-se o quanto essas instâncias estão, de fato, dando acolhida às diferenças.

Os dados apresentados mostraram que o discurso do multiculturalismo comparece nas práticas no campo da Educação. Porém, uma leitura mais atenta explicita

a presença de rupturas. Em um documento oficial, trata-se do uso do termo “intercultural” com significado diverso e menos amplo, em termos políticos, do que em documento precedente. No que tange às relações pedagógicas, o discurso da inclusão é rompido quando um professor (ou examinador) trata seu aluno ou suas produções de modo excludente, a partir da leitura de uma marca distintiva. A discussão apontou, então, a importância de se investigar melhor os aspectos que obstaculizam a acolhida das diferenças e que, por não serem previsíveis, são de difícil categorização.